



TEÓFILO DIAS E O PARNASIANISMO: ESTUDO ESTATÍSTICO TEXTUAL

Ana Paula Nunes de Sousa*¹

* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
e-mail: anapaulacxs1234@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa quantiqualitativa realizada com *Fanfarras* (1882), de Teófilo Dias, poeta maranhense pouco (ou quase nada) discutido nos dias atuais, mas que teve grande atuação no contexto político, cultural, social e literário brasileiro, precisamente durante os decênios de 70 e 80 do século XIX. Para isso, foi utilizada uma ferramenta computacional, o Aoidos (<https://aoidos.ufsc.br/>), que ajudou no cotejo dos elementos formais de versificação de Teófilo Dias e de outros poetas, o caso de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, os quais foram utilizados no corpus a fim de servirem de contrastes no que toca aos resultados quantitativos de *Fanfarras* gerados pela ferramenta usada. Dentre as análises possíveis de serem feitas no Aoidos, realizou-se o levantamento automático da disposição dos decassílabos heroicos e sáficos, do alexandrino clássico, da forma fixa de poema soneto e da disposição dos metaplasmos sinalefa e sinérese (elementos formais de versificação esses frequentemente associados à poesia parnasiana). Os resultados das análises quantiqualitativas realizadas na pesquisa evidenciam que Teófilo foi um poeta multifacetado, que soube ele dialogar com seu tempo e espaço. Existe, em sua obra, um acúmulo de poéticas distintas, seja no que toca ao que convencionalmente é chamado Romantismo, seja em se tratado do Realismo e do Parnasianismo.

Palavras-chave: Teófilo Dias. *Fanfarras*. Parnasianismo. Estudo estatístico textual.

Teófilo Dias and Parnasianism: Textual Statistical Study

Abstract: This article presents the results of a quantiqualitative research conducted on *Fanfarras* (1882) by Teófilo Dias, a poet from Maranhão. Despite the limited discussions occurring nowadays, Dias had a significant impact on the political, cultural, social, and literary Brazilian context, particularly during the 1870s and 1880s of the 19th century. To achieve this, a computational tool called Aoidos (<https://aoidos.ufsc.br/>) was utilized, aiding in the comparative analysis of

¹ Doutoranda em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGLit-UFSC). Mestre em Literatura (PPGLit-UFSC). Graduada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/Campus Caxias). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL/CNPq). Bolsista CNPq - Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3899062986579892>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9971-311X>.



versification forms between Teófilo Dias and other poets, namely Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, and Olavo Bilac. These poets were included in the corpus to provide a contrasting perspective on the quantitative results derived from the analysis of *Fanfarras* using the mentioned tool. Among the various possible analyses conducted using AOIDOS, an automatic examination of heroic and sapphic decasyllables was performed, alongside classic Alexandrine verses, the fixed form of the sonnet, and the identification of signalepha and syneresis metaplasms. These formal elements of versification are often associated with Parnassian poetry. The outcomes of the quantiquantitative analyses carried out in the research conspicuously demonstrate that Teófilo was a multifaceted poet who skillfully engaged with his contemporaneous time and space. His work encompasses an accumulation of diverse poetic styles, encompassing not only what is conventionally referred to as Romanticism, but also realism and Parnassianism.

Keywords: Teófilo Dias. *Fanfarras*. Parnassianism. Textual statistical study.

Considerações iniciais

O método de pesquisa quantiquantitativa, também conhecido por estilometria literária e/ou estatística textual, e que pode ser definido como o estudo do objeto literário viabilizado por meio de ferramentas computacionais, não é uma metodologia de estudo recente. Os primeiros trabalhos feitos na área são datados ainda no século XIX, quando Thomas Corwin Mendenhall, já em 1887, desenvolveu uma pesquisa de autoria com a obra do inglês Francis Bacon. Nesse estudo, o pesquisador analisou o comprimento e a frequência de palavras no *corpus*, a fim de marcar as possíveis semelhanças e dessemelhanças existentes. Ainda no que toca aos trabalhos desenvolvidos por Mendenhall, ele também realizou estudos estatísticos textuais com as obras de Charles Dickens, William Thackeray, William Shakespeare e Christopher Marlowe, além de textos religiosos, como o Novo e o Velho Testamento.

Entretanto, os estudos quantiquantitativos não se encerraram no século XIX, “com o advento tecnológico, ou melhor, com o surgimento do computador, por volta da década de 80 do século XX, os estudos linguísticos, literários e de atribuição de autoria tomaram novos rumos” (Sousa; Assis, 2020, p. 04). Nessa conjuntura, o “objeto literário, que era antes conduzido e tratado de forma manual pelo pesquisador, nos trabalhos de busca de autoria, passou a ser percebido sob uma nova ótica, a da informática” (Sousa; Assis, 2020, p. 04).

Com a utilização dos recursos da informática, os pesquisadores das Letras e da Literatura podem realizar pesquisas de maneira muito mais rápida e prática. Isso, se se considerar o tempo que se gasta para fazer o mesmo trabalho de modo manual. Além dessa vantagem, ainda é possível que se perceba, utilizando tais recursos, os elementos estilísticos que



caracterizam e/ou individualizam um determinado escritor, poeta ou escola literária. Em outras palavras, “o computador é capaz de apurar os dados estatísticos de forma muito mais rápida e precisa que o homem” (Paiva, 2013, p. 33). Somado a isso, “ele pode auxiliar o pesquisador na organização dos dados. Devido à rápida evolução da informática, com equipamentos cada vez mais poderosos em termos de processamento de dados, os estudos estatísticos tendem a se tornar cada vez mais eficientes e elaborados” (Paiva, 2013, p. 33).

Verônica Cúrcio (2013), pesquisadora brasileira que desenvolveu uma pesquisa estilométrica, diz que, “através desses programas, podemos obter a riqueza lexical de um autor, verificar a abrangência de seu vocabulário, ou, a partir de análises, podemos atribuir a algum texto apócrifo a sua autoria, e ainda realizar estudos temáticos ou estilísticos” (Cúrcio, 2013, p. 19). Para tanto, interessa dizer que o método de estudo quantiquantitativo pressupõe um trabalho de mão dupla, isto é, não basta que as ferramentas disponibilizem os dados quantitativos, é preciso que o pesquisador, munido de todo o seu conhecimento cultural e também da crítica literária, interprete os resultados gerados pelas ferramentas computacionais (Cúrcio, 2013).

Assim, dadas essas considerações acerca do surgimento e possíveis vantagens da realização de estudos quantiquantitativos no âmbito literário, o presente artigo objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa quantiquantitativa realizada com *Fanfarras* (1882), de Teófilo Dias. No estudo, foi utilizada uma ferramenta computacional *online*, o Aoidos, que realiza escansão automática de poemas escritos em português e espanhol, e que fornece, ainda, a quantificação dos esquemas métricos, dos padrões rítmicos e dos processos de acomodações silábicas. A ideia de realizar este estudo partiu da premissa levantada pelos estudiosos Sílvio Romero (1905), Manuel Bandeira (1951), Antonio Candido (1960) e Alfredo Bosi (2017). Na opinião desses homens de letras, Teófilo Dias foi o responsável por introduzir o Parnasianismo no Brasil, precisamente quando ele publicou suas *Fanfarras*, em 1882. Logo, neste artigo, buscar-se-á verificar, em *Fanfarras*, a partir da ferramenta computacional Aoidos, as marcas de estilo frequentemente associadas pela crítica literária (Bandeira, 1951; Candido, 1960; Ramos, 1968; Stegagno-Picchio, 2004) ao Parnasianismo, como o uso recorrente do decassílabo heroico, do verso alexandrino clássico, da forma fixa de poema soneto e dos processos de acomodações silábicas sinalefa e sinérese.



O corpus de estudo

Para a criação do *corpus* de estudo, foram feitos alguns procedimentos metodológicos. O primeiro deles foi a seleção e retirada das obras cotejadas de ambientes digitais confiáveis e seguros, como a Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos (<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>) e a Biblioteca Digital de Literatura Maranhense (<https://www.literaturamaranhense.ufsc.br/>). Depois disso, foi feito o trabalho de preparação dos textos, o que envolveu a revisão e a atualização de suas grafias. Esses procedimentos são importantes porque evitam que haja possíveis “erros” de interpretação da ferramenta computacional empregada ao efetuar a leitura automática. Vale dizer que tais “erros de interpretação” são ocasionados, muitas vezes, por problemas de editoração, gralhas e/ou sujeiras que passaram despercebidos no momento da conversão das obras no formato PDF (*Portable Document Format*) para o formato HTML (*Hypertext Markup Language*).

A etapa seguinte consistiu na codificação dos textos no formato TEI (*Text Encoding Initiative*). O editor de texto utilizado foi o Notepad++ (<https://notepad-plus-plus.org/downloads/>). Dentre as linhas de códigos inseridas nos arquivos XML/TEI e que permitiram que o Aoidos realizasse o processamento dessas informações associadas a elas, citam-se: a inserção dos elementos do cabeçalho e suas *tags* obrigatórias²; a identificação de elementos de estruturas comuns a qualquer gênero literário (título, subtítulo, partes, autor, ano de publicação, editora, locais); os elementos de poemas (epígrafes, estrofes, versos, estrangeirismos, verso em duas linhas, recuo); e os elementos de teatro (falas em versos).

Tendo tudo isso feito, criou-se o *corpus* de estudo, que é composto por 11 textos e com um total de 22.556 versos. De mais e mais, além de *Fanfarras* (Dias, 1882), *Sonetos e poemas* (Oliveira, 1885), *Sinfonias* (Correia, 1883) e *Poesias* (Bilac, 1902), fez-se uso de outras obras neste estudo, como: *Lira dos vinte anos* (Azevedo, 1853), *As primaveras* (Abreu, 1859), *Espumas flutuantes* (Alves, 1870), *Devaneios* (Celso Júnior, 1876), *Hespérides* (Carvalho Júnior, 1879), *Opalas* (Xavier, 1884) e *Rimas* (Azevedo, 1909).

² Para a criação de um documento XML/TEI, é necessária a inserção dos seguintes comandos: (<?xml version="1.0" encoding="UTF-8"?>) – (<?xml-stylesheet type="text/xsl" href="teibp.xsl"?>) – (<TEI xmlns="http://www.tei-c.org/ns/1.0" xmlns:aoidos="https://aoidos.ufsc.br/ns/1.0"?>). Esses elementos ajudam a especificar a codificação e a folha de estilo da obra cotejada, passível de ser visualizada em: (<http://biblio.inf.ufsc.br/TEI/>).



Fanfarras e o método quantiquantitativo de análise: resultados e discussões

Como dito em passagem anterior, o Aoidos é capaz de realizar levantamento automático dos esquemas métricos disponíveis em um determinado poeta e/ou grupo de poetas. Assim, tendo feito essa análise no *corpus* de estudo, chegou-se aos seguintes resultados:

Tabela 1 - Distribuição dos metros no *corpus*

Comprimento do verso, em sílaba											
Grupo	Olavo Bilac (1902)	Raimundo Correia (1883)	Fontoura Xavier (1884)	Castro Alves (1870)	Casimiro de Abreu (1859)	Alberto de Oliveira (1885)	Afonso Celso (1876)	Teófilo Dias (1882)	Álvares de Azevedo (1853)	Artur Azevedo (1909)	Carvalho Júnior (1879)
10	1411	858	354	1780	1236	1041	537	295	2627	982	122
11	-	-	-	32	28	-	-	-	-	4	-
12	1880	349	408	-	-	865	202	464	-	162	168
4	72	-	-	-	42	39	-	-	-	30	-
5	-	-	-	-	98	-	-	-	48	-	-
5+5	-	-	-	44	79	-	-	-	67	-	-
6	176	80	122	244	216	324	332	52	312	179	-
6+6	-	-	-	188	-	14	-	260	-	-	-
7	425	93	200	799	1250	244	165	-	551	776	14
8	275	-	-	-	-	-	-	-	-	45	-
9	-	-	-	-	50	-	-	-	-	25	-
Total	4239	1380	1084	3087	2999	1527	1236	1071	3605	2024	304

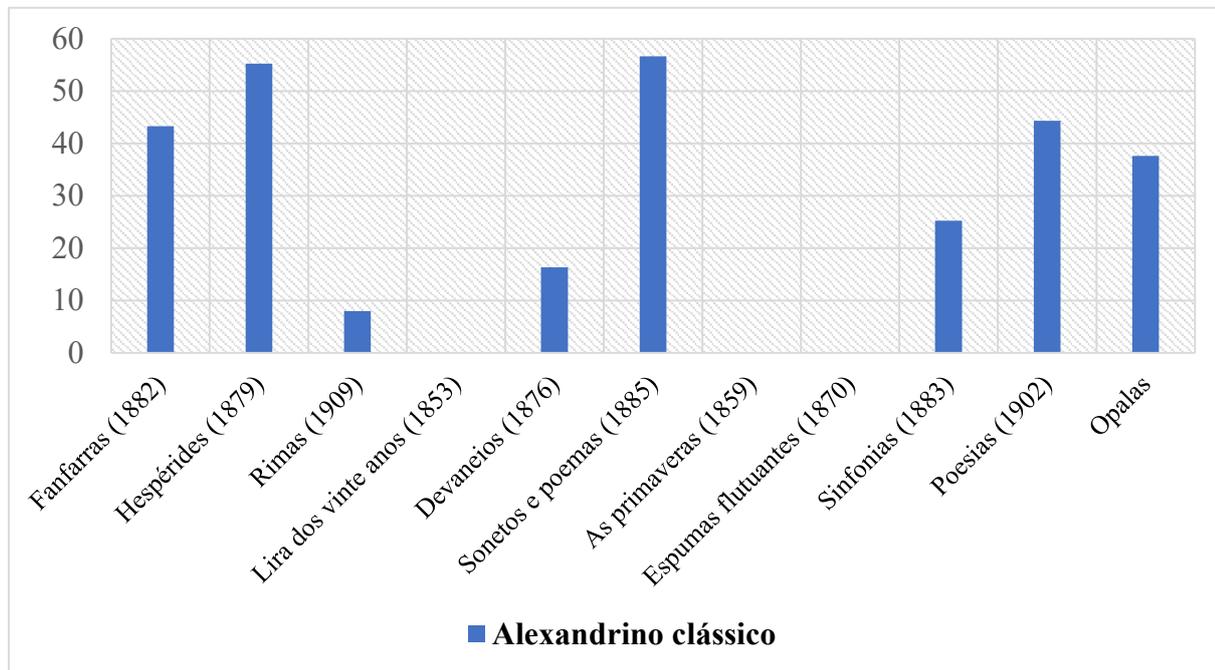
Fonte: Aoidos.

Olhando para a tabela 01, é possível notar que, dentre os poetas cotejados, Alberto de Oliveira, Carvalho Júnior, Olavo Bilac e Teófilo Dias são os que apresentam versos de comprimento maior no *corpus*. Neles, o dodecassílabo, ou melhor, o alexandrino clássico, é o verso mais predominante. Esse tipo de metro, conforme informam estudiosos como Manuel Bandeira (1951) e Péricles Eugênio da Silva Ramos (1968), foi muito utilizado pelos poetas que fizeram parte do chamado Parnasianismo brasileiro. Ao passo que os “românticos” fizeram pouco uso desse elemento formal de versificação (Bandeira, 1951; Ramos, 1968), o que pode ser verificado nos resultados gerados pelo Aoidos no que toca à *Lira dos vinte anos* (Azevedo, 1853), *As primaveras* (Abreu, 1859) e *Espumas flutuantes* (Alves, 1870).



Para facilitar a interpretação, o gráfico abaixo evidencia, de modo mais claro, a disposição do verso alexandrino clássico nos poetas que compõem o *corpus*:

Gráfico 1 - Disposição do verso alexandrino clássico no *corpus*



Fonte: Aoidos.

Os resultados acima confirmam os apontamentos feitos por Bandeira (1951) e Ramos (1968). De fato, há uma disposição maior do verso alexandrino clássico nos poetas que fizeram parte do Realismo e do Parnasianismo, com maior destaque a Alberto de Oliveira. Esse literato é quem mais faz uso do alexandrino clássico (56,64%). Logo em seguida, temos: Carvalho Júnior (55,26%), Olavo Bilac (44,35%), Teófilo Dias (43,32%), Fontoura Xavier (37,64%), Raimundo Correia (25,28%), Afonso Celso (16,34%) e Artur Azevedo (8,0%).

Os demais poetas, ou seja, Álvares de Azevedo (1853), Casimiro de Abreu (1859) e Castro Alves (1870), não recorrem ao alexandrino clássico. Nas obras desses três poetas, os metros mais utilizados são o decassílabo, o heptassílabo e o hexassílabo. Desse modo, esses resultados confirmam, ainda mais, os apontamentos feitos por Bandeira (1951) e Ramos (1968).

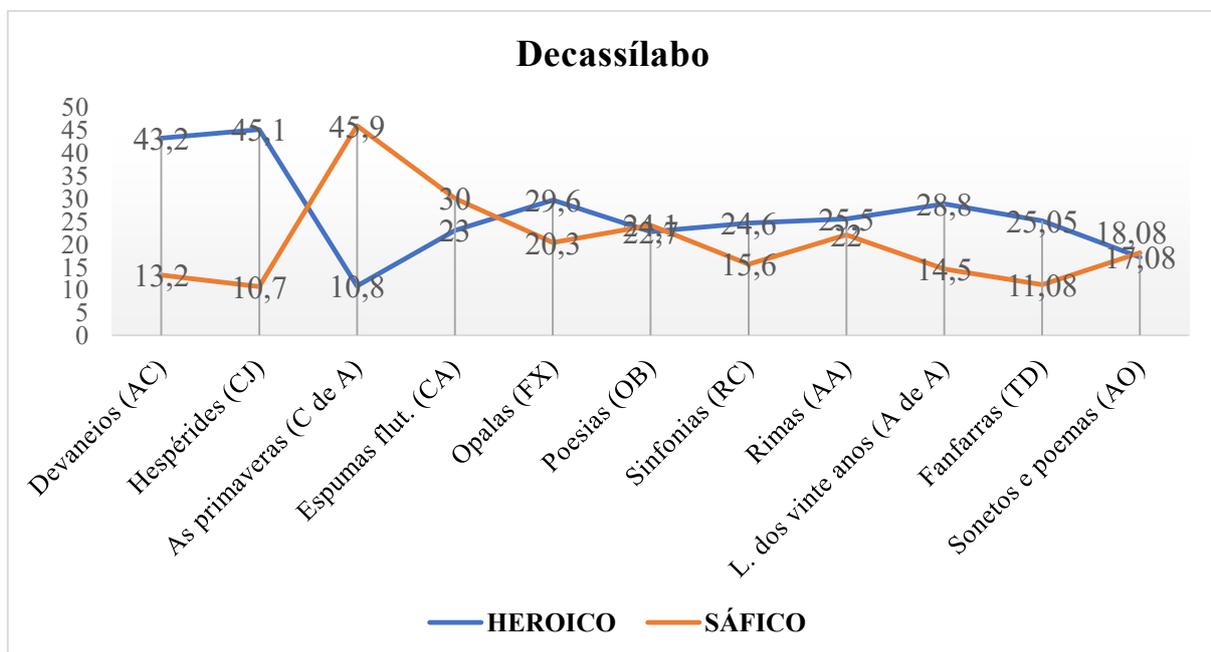
Depois do verso alexandrino clássico, o segundo metro mais usado pelos poetas que são classificados como realistas e parnasianos é o decassílabo. Aqui, interessa dizer o que pontua Péricles Eugênio da Silva Ramos (1968), um dos principais estudiosos do verso. Conforme ele ressalta, “os parnasianos, na utilização do decassílabo, variavam muito as tônicas



internas fortes, de modo que entre eles só por exceção se encontrará o decassílabo sáfico, uniformemente, em composições inteiras ou mesmo estrofes seguidas” (Ramos, 1968, p. 74). Isso significa dizer que, para Ramos (1968), os poetas parnasianos tinham uma predileção maior pelo verso decassílabo heroico. E, na contramão, os românticos preferiam o decassílabo sáfico.

Desse maneira, no que toca ao levantamento automático dos decassílabos heroicos e sáficos feito pelo Aoidos, vejamos como se comportam as *Fanfarras* de Teófilo Dias e as demais obras cotejadas no estudo:

Gráfico 2 - Disposição dos decassílabos heroicos e sáficos no *corpus*



Fonte: Aoidos.

O gráfico 02 mostra que Teófilo Dias, Afonso Celso, Carvalho Júnior, Fontoura Xavier e Raimundo Correia recorrem bem mais ao verso decassílabo heroico. Entretanto, ao contrário do que pensa Ramos (1968), não há uma uniformidade do uso dos versos decassílabos heroicos e sáficos por parte dos poetas denominados românticos, realistas e parnasianos. Pelo contrário, nessa análise, vemos, por exemplo, que poetas como Olavo Bilac e Alberto de Oliveira tendem a usar (pelo menos em se tratando das duas obras que estão sendo analisadas), de modo muito parecido, os versos decassílabos heroicos e sáficos. Essa ideia fica ainda mais clara quando olhamos para os resultados de *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo. Todos sabemos que Azevedo é colocado nas histórias literárias como um poeta

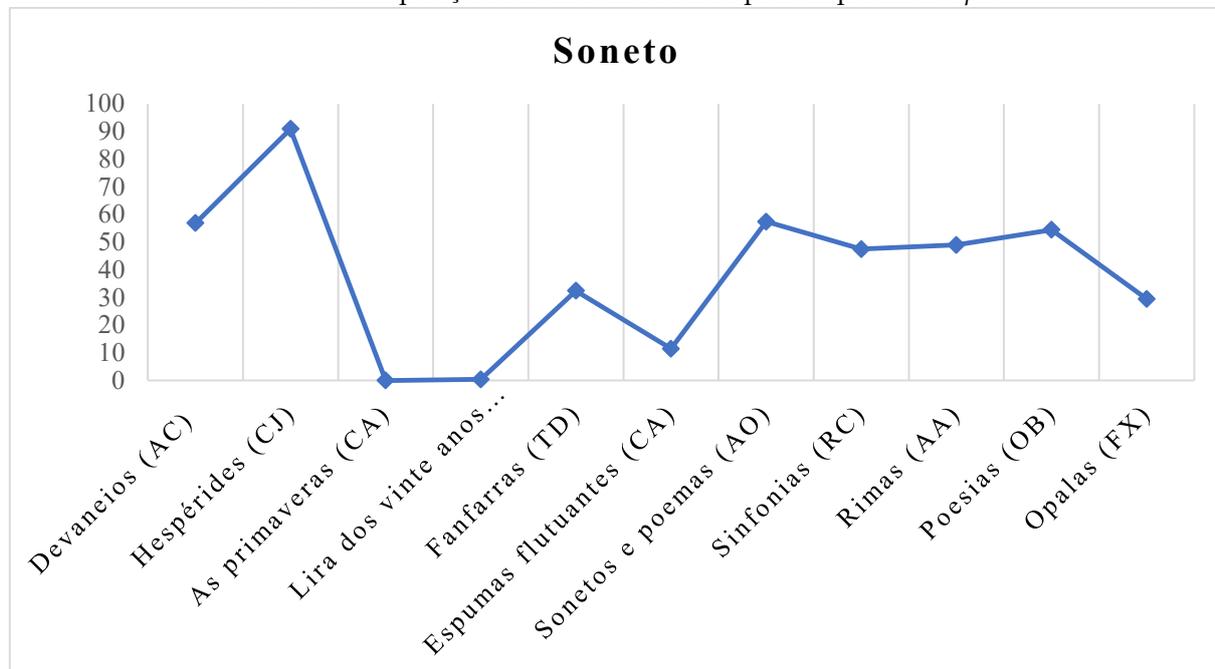


romântico. Logo, essa sua obra deveria ter uma disposição maior de decassílabos sáficos, semelhante às obras de seus companheiros de escola, isto é, Casimiro de Abreu e Castro Alves. No entanto, não é o que acontece. Notamos que o poeta recorre muito mais ao decassílabo heroico. Isso significa dizer que, o emprego dos versos decassílabos heroicos e sáficos está relacionado não a um determinado tempo e/ou contexto histórico, mas ao estilo individual de cada poeta.

Outra análise realizada, neste estudo, foi o cotejo da disposição do soneto no *corpus*³. Essa forma fixa de poema é, conforme escreve Péricles Eugênio da Silva Ramos (1968), uma característica da poética parnasiana. Nas palavras desse estudioso, “os nossos parnasianos, navegando nas águas da importação do triolé por Machado, procuraram aumentar o estoque de formas fixas, nacionalizando o pantum, o rondel e ainda outros moldes” (Ramos, 1967, p. 20).

Assim sendo, do mesmo jeito que foi feito com a disposição do alexandrino clássico e dos decassílabos heroicos e sáficos, vejamos, agora, como se comportam *Fanfarras* e as outras obras em se tratando da forma fixa de poema soneto:

Gráfico 3 - Disposição do soneto nas obras que compõem o *corpus*



Fonte: Aoidos.

³ O Aoidos não fornece, com exatidão, o tipo de forma fixa de um poema, mas ele ajuda nesse processo. Por meio da escansão automática, na qual evidencia a quantidade de versos dispostos em cada poema e, a partir dos nossos conhecimentos sobre as normas de versificação, é possível calcular o número de poemas do tipo soneto no *corpus* (Sousa, 2013).



Os resultados gerados pelo Aoidos no gráfico 03 confirmam, quando se fala do soneto, a afirmação de Ramos (1968). Verificamos que os poetas denominados românticos fizeram pouco uso do soneto: Álvares de Azevedo usou uma vez e Casimiro de Abreu não recorreu uma única vez. Castro Alves foi quem mais empregou essa forma fixa de poema, em *Espumas flutuantes*, o soneto equivale a cerca de 11,47%. Outrossim, diferente deles, os poetas classificados como realistas e parnasianos usaram muito mais o soneto. Dentre eles, está Teófilo Dias, suas *Fanfarras* apresenta o equivalente a 32,43%. Carvalho Júnior é quem mais usa soneto (90,90%), depois dele, vêm os poetas: Afonso Celso (58,89%), Alberto de Oliveira (57,40%), Olavo Bilac (54,48%), Artur Azevedo (49,01%), Raimundo Correia (47,50%) e Fontoura Xavier (29,51%).

A última análise feita, neste estudo, é a distribuição automática dos metaplasmos no *corpus*, precisamente dos processos de acomodações silábicas sinalefa e sinérese. Aqui, é interessante mostrar o que comenta Manuel Bandeira (1951), em *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. Esse poeta crítico fala do uso acentuado da sinalefa e sinérese por parte dos parnasianos, assim como o desprezo deles pelo hiato e pela diérese. Escreve Bandeira que “a métrica dos parnasianos, jamais infiel à sinalefa e praticando quase sistematicamente a sinérese, ganhou em firmeza, perdendo em fluidez” (Bandeira, 1951, p. 19). Tais literatos “nunca disseram ‘a água’, ‘o ar’, contando o artigo como sílaba métrica a exemplo de Camões, que desse hiato tirou muita vez grande efeito” (Bandeira, 1951, p. 19).

Do mesmo jeito que Bandeira (1951), Péricles Eugênio Ramos (1967, p. 31) escreve o seguinte: “há uma ala parnasiana que comprime os vocábulos no verso, fazendo quase sistematicamente sinérese e sinalefa, como é o caso de Alberto de Oliveira e seus epígonos, que assim agiam a pretexto de combater a ‘frouxidão’ romântica”. Ainda segundo argumenta Ramos (1967, p. 21):

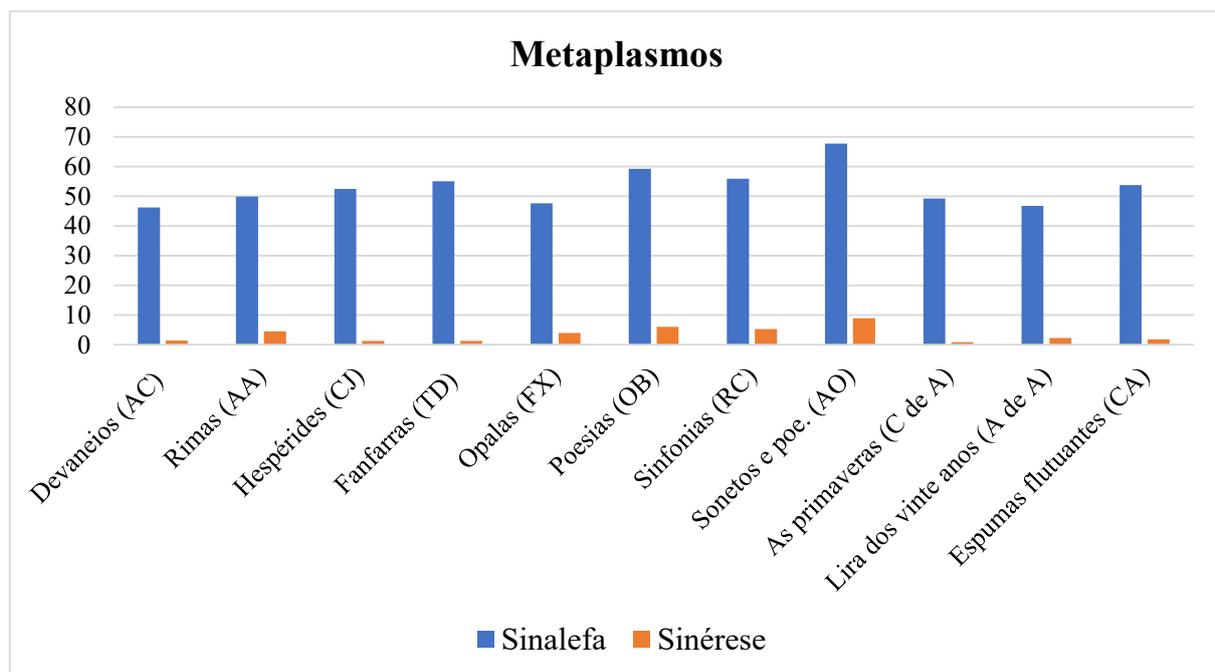
Uma das incorreções românticas, para os parnasianos, havia sido a frouxidão dos versos, isto é, os hiatos entre as palavras e internamente as diéreses, que partiam às vezes os ditongos decrescentes e amiúde os crescentes [...]. Os parnasianos odeiam os hiatos, que evitam, e praticam quase que sistematicamente a sinérese; um romântico poderia ler “piedade” com quatro sílabas, mas Alberto de Oliveira e Bilac só por exceção. O escrúpulo contra a frouxidão dos versos foi tão grande, que muitas emendas feitas de *Mármore*s para *Esfinges*, ou da primeira para a segunda edição das *Esfinges* de Francisca Júlia, parnasiana de prestígio, objetivaram evitar essa famosa frouxidão.



Para os poetas parnasianos, o uso dos metaplasmos hiato e diérese deixava os versos frouxos (essa era uma das críticas feitas por eles aos poetas românticos). Por esse motivo, usaram muito mais a sinalefa e a sinérese. Um exemplo disso, é a entrevista concedida por Alberto de Oliveira a Prudente de Moraes, em 1944, no periódico *A Manhã*. Quando Prudente pergunta a Alberto se ele e seus companheiros de geração haviam combatido o Romantismo, a resposta é simples: “Combatemos”!. Alberto informa que eles não eram favoráveis ao “relaxamento de linguagem que enfeara a poesia da época, tornando-a cheia de cacofonias, redundâncias, galicismos e solecismos, imperfeições do verso de que há exemplos mesmo em Gonçalves Dias, o mais correto de todos” (Oliveira; Moraes Neto, *A Manhã*, 1942, p. 122).

Dito isso, olhemos quais foram os resultados gerados pelo Aoidos no que toca à disposição de sinalefa e sinérese no *corpus*:

Gráfico 4 - Disposição dos metaplasmos sinalefa e sinérese



Fonte: Aoidos.

Analisando os resultados do gráfico 04, percebemos que Teófilo Dias usa bastante a sinalefa. Entretanto, os poetas Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac são aqueles que mais recorrem aos processos de acomodações silábicas sinalefa e sinérese. Um dado interessante diz respeito à disposição da sinérese nos românticos Castro Alves, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu. Os resultados dessa análise se mostram parecidos com



os resultados da disposição dos decassílabos heroicos e sáficos no *corpus*. Embora a sinérese seja muito pouco usada por Castro Alves e Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, ao que tudo indica, fez mais uso da sinérese do que os poetas Fontoura Xavier, Teófilo Dias e Afonso Celso.

De todo modo, se considerarmos o percentual da sinalefa e da sinérese nas obras dos poetas tidos como os principais representantes do Parnasianismo brasileiro, a chamada tríade parnasiana – Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac – é possível concordar com o que informam Manuel Bandeira (1951) e Péricles Eugênio (1967; 1968). De fato, existe uma maior recorrência desses dois processos de acomodações nas obras desses três parnasianos.

Considerações finais

Conforme colocado no introito deste trabalho, o poeta maranhense Teófilo Odorico Dias de Mesquita, embora pouco discutido nas histórias literárias e antologias poéticas brasileiras, é considerado por estudiosos como Sílvio Romero (1905), Manuel Bandeira (1951), Antonio Candido (1960) e Alfredo Bosi (2017) como o responsável por introduzir o Parnasianismo no Brasil. Escreve Antonio Candido (1960) que Teófilo Dias pode ser entendido como uma espécie de “parnasiano primitivo”. De fato, olhando para os resultados quantitativos gerados pela ferramenta computacional Aoidos, vemos que suas *Fanfarras* apresenta os elementos de versificação que a crítica literária (Bandeira, 1951; Ramos, 1967; Stegagno-Picchio, 2004) associa à poética parnasiana, como o uso do verso alexandrino clássico, do decassílabo heroico, da forma fixa de poema soneto e dos metaplasmos sinalefa e sinérese, com destaque à sinalefa.

Aqui, é interessante dizer, conforme escreve Sousa (2023), que mesmo que Teófilo Dias recorra a tais elementos formais de versificação (os quais o tornam, de certo modo, um poeta parnasiano), sua produção literária apresenta tanto as marcas de estilo da poética romântica quanto da poética realista. Péricles Eugênio da Silva Ramos (1968), em seu livro *Do Barroco ao Modernismo*, por exemplo, discorda dos apontamentos feitos por Romero (1905), Bandeira (1951) e Candido (1960) no que toca às marcas de estilo do Parnasianismo nas *Fanfarras* de Teófilo. Informa Ramos (1968) que o maranhense, muito mais que parnasiano, teria sido, ao lado de seus companheiros de geração Carvalho Júnior e Fontoura Xavier, um poeta



decadente. Para ele, Cruz e Sousa foi um leitor e apreciador dos poemas produzidos por Teófilo Dias. Havendo, portanto, possíveis semelhanças de estilo entre eles, em suma, quanto ao emprego da aliteração. Segundo diz Péricles Eugênio, a aliteração em Teófilo Dias “aponta decididamente para a de Cruz e Sousa e a do simbolismo brasileiro em geral” (Ramos, 1968, p. 159).

De maneira geral, este estudo, feito a partir do suporte da informática, também serviu para verificarmos os acertos (ainda que em partes) de Manuel Bandeira (1951) e Péricles Eugênio da Silva Ramos (1967; 1968), precisamente aquando eles afirmam que os poetas que produziram e publicaram suas obras durante os anos 70 e 80 do século XIX, isto é, que compuseram o Realismo e o Parnasianismo, fizeram maior uso do soneto, ao passo que os românticos recorreram bem menos a essa forma fixa de poema. Isso também vale para o verso alexandrino clássico e os metaplasmos sinalefa e sinérese, vimos que a tríade parnasiana — Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac — foi, no caso específico do uso da sinalefa e da sinérese, os poetas que mais recorreram a esses elementos formais de verificação.

Assim sendo, verificamos que o método de estudo estatístico computacional, o qual foi adotado nesta pesquisa, se mostra muito eficaz para o estudo do texto literário. Com a utilização de ferramentas computacionais como o Aoidos, realizamos “leituras mais objetivas e precisas de um número extenso de obras e poetas, trabalho esse que levaria meses para que o pesquisador e/ou estudioso das letras chegasse ao fim, se fosse feito manualmente” (Sousa, 2023, p. 79-80).

Referências

ABREU, Casimiro de. **As primaveras**. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1859.

ALVES, Castro. **Espumas flutuantes**. Salvador: Tipografia de Camilo de Lellis Masson, 1870.

AZEVEDO, Álvares de. **Obras de Manuel Antônio Álvares de Azevedo [1853-1855]**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert; Tipografia Americana de J. J. da Rocha, 1853.

AZEVEDO, Artur. **Rimas**. Rio de Janeiro: Edição da Companhia Industrial Americana, 1909.

BANDEIRA, Manuel. **Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951.

BILAC, Olavo. **Poesias**: edição definitiva. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1902.



- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2017.
- CANDIDO, Antonio. **Teófilo Dias**: poesias escolhidas. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960.
- CARVALHO JÚNIOR, F. **Hespérides** [Parisina]. Artur Barreiros (Org.). Rio de Janeiro: Tipografia de Agostinho Gonçalves Guimarães, 1879.
- CELSO JÚNIOR, Afonso. **Devaneios**. São Paulo: [s.n.], 1876.
- CORREIA, Raimundo. **Sinfonias**. Rio de Janeiro: Livraria Contemporânea de Faro e Lino, 1883.
- CÚRCIO, Verônica Ribas. **Palavras de Rosa**: análise estilométrica da obra de João Guimarães Rosa. 2013. 145 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107071>. Acessado em: 27 ago. 2023.
- DIAS, Teófilo. **Fanfarras**. São Paulo: Dolivaes Nunes, 1882.
- MITTMANN, Adiel. **Aoidos**. Disponível em: <https://aoidos.ufsc.br/>. Acessado em: 15out. 2022.
- MORAIS NETO, Prudente de; OLIVEIRA, Alberto de. **A Manhã**, [s. l.], v. II, n. 8, p. 122-123, 8 mar. 1942. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=227389>. Acessado em: 27 ago. 2023.
- OLIVEIRA, Alberto de. **Sonetos e poemas**. Rio de Janeiro: Tipografia e Litografia Moreira Maximino & Cia., 1885.
- PAIVA, Diêgo Meireles de. **Um poeta particular**: estudo estilométrico da poesia de H. Dobal. 2013. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. **Do Barroco ao Modernismo**. São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 1968.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. **Poesia parnasiana**. São Paulo: Edições Melhoramento, 1967.
- ROMERO, Sílvio. **Evolução do lirismo brasileiro**. Recife: Tipografia de J. B. Edelbrock, 1905.
- SOUSA, Ana Paula Nunes de. **Teófilo Dias e a poética parnasiana**: estudo estilométrico. 2023. 166 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247723>. Acessado em: 27 ago. 2023.
- SOUSA, Ana Paula Nunes de; ASSIS, Emanuel César Pires de. Humberto de Campos e a obra psicografada Crônicas de além-túmulo. **Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, p. 128-141, 2021. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/2694/pdf>. Acessado em: 24 jul. 2023.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- XAVIER, Antônio Vicente da Fontoura. **Opalas**. Pelotas (RS): Carlos Pinto e Companhia, 1884.

